

DAS “TRINCHEIRAS” EPISTEMOLÓGICAS DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE: PISTAS PARA PENSAR O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Priscila Gomes Dornelles

“Há alguma forma de vincular a materialidade do corpo com a performatividade de gênero?”, pergunta Judith Butler (2010, p.18). Sua provocação, certamente, é algo como um eco ressonante e incessante quando assumimos uma frente políticoepistemológica voltada ao alargamento das margens regulatórias dos estados nação. Este ressoar se dá - e, talvez, apenas seja possível - por uma trajetória enveredada com os Estudos Feministas, os Estudos Gays e Lésbicos e com a teoria queer, os quais alicerçam a composição deste texto. Isto significa que assumo uma posição parcial de ciência, a qual me permite discutir educação do campo, currículo, gênero e sexualidade de uma determinada maneira e não de outra. Refiro-me, também, a uma vertente pósestruturalista, principalmente considerando as contribuições de Michel Foucault e de Judith Butler para alinhar questionamentos sobre os jogos de poder que constituem a produção/regulação da vida, bem como para pensar como a educação escolar se coloca nesta arena. O ponto principal desta proposição situa-se na possibilidade de movimentar considerações acerca de como algumas especificidades do debate sobre a educação do campo, como o conceito de família nuclear e o de gênero numa lógica binária, se constituem como ferramentas heteronormativas norteadoras curriculares. Questiono, então, como as discussões sobre educação do campo atuam na conformação de um corpo gendrado e sexualizado possível para a vida escolar e comunitária do campo? Ainda na esteira deste debate, que jogos epistemológicos regulam o direito a vida neste contexto? Para colocar em movimento estas questões, recorro a relatos produzidos por discentes (em geral, professores/as e gestores do campo, bem como integrantes do movimento social de luta pela terra) de um curso de pós-graduação *latu senso* voltado para as discussões sobre educação do campo e desenvolvimento territorial no semiárido brasileiro. Refiro-me, especificamente, aos debates construídos no componente Cultura Corporal e Meio Ambiente do curso de Especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial do Semiárido Brasileiro promovido pelo Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia na cidade de Amargosa/BA em março de 2012. Os diálogos produzidos durante a realização de um componente curricular serão as informações privilegiadas para pensarmos o plano

epistemológico que tem conduzido as discussões sobre gênero e sexualidade no debate sobre a educação do campo.

Palavras-chave: currículo, gênero, sexualidade, educação do campo.